

O Movimento Plural: reflexões sociológicas a partir de um assentamento do MST

Fabício Mello¹

Resumo:

Este artigo narra a experiência vivida em um assentamento do MST e o processo de desconstrução de estereótipos sobre esse movimento. A hipótese é que o MST não é uma estrutura geradora de práticas uniformes e sim produto das interações entre diversas pessoas com diferentes alinhamentos sociais. Para tanto servirão de sustento teórico os escritos de Norbert Elias sobre as figurações e a idéia de pluralidade social de Bernard Lahire.

Palavras-chave: MST, pluralidade, figurações

Introdução

Surgido no sul do país na metade dos anos 80, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) acabou por se tornar um movimento que estende sua influência por todo território nacional. As formas de ação desse movimento se tornaram um modelo para vários outros que, a partir dele, guiam seus passos à sua imagem e semelhança (Rosa, 2006). As palavras de ordem "Ocupar, resistir, produzir" representam não somente a luta pela reforma agrária empreendida por esse movimento, mas guardam um significado muito maior pois são a bandeira que vem guiando as lutas por terra em todo país. Assim, acabaram por emblemar o mecanismo mais legítimo de comunicação entre sem terras de várias origens e vários outros movimentos junto ao Estado (Sigaud et al, 2008). A partir disso é muito comum se afirmar que o MST é um movimento singular. De fato ele o é, uma vez que possui peculiaridades idiossincráticas que não se fazem presentes em nenhum outro movimento social, seja ele rural ou urbano (afinal, toda instituição é edificada a partir de processos diferentes que possuem pontos de chegada igualmente diferentes, fazendo com que cada uma tenha sua própria configuração). No entanto, o emprego do adjetivo "singular" deve se restringir ao campo semântico da raridade (ou, se melhor soar da extraordinariedade) e de forma alguma postular a indicação de um só todo, um só corpo com uma só ética ligando todos seus membros de

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense e bolsista PIBIC/CNPq. Endereço para contato: fmello@gmail.com.

forma harmônica. A discussão que se fará aqui diz respeito justamente à proposta de afirmar a pluralidade que se encontra permeando todos os espaços constituintes desta instituição, o movimento dos trabalhadores sem terra, indo contra a tendência de pensar o MST como homogêneo.

Esse trabalho se dará com a exposição da experiência que tive com o MST no início do ano de 2008, participando do II Estágio Interdisciplinar de Vivências (EIV) no Estado do Espírito Santo, e com a tentativa de explicar como que a partir dessa experiência eu passei por um processo de reavaliação sobre meus conceitos em relação ao MST. Durante o estágio passei sete dias num assentamento, vivendo com algumas famílias e conhecendo seu dia-a-dia. Para a tarefa que me proponho tentarei ser o mais descritivo possível, ressaltando os diálogos e episódios que serviram de base para uma espécie de *brainstorm* ao cabo da vivência. Utilizarei como fonte, além da memória, o diário que escrevi enquanto lá estava, no qual esforçava para esmiuçar o máximo possível absolutamente tudo o que via e ouvia, sempre tentando exercer um olhar sociológico perante os fatos. Creio que por não estar lá fazendo uma pesquisa, com um campo de investigação já delimitado, desfrutei de uma liberdade para flunar de um assunto ao outro, sem me prender a nada específico, permitindo uma apreensão mais geral da forma de vida daquelas pessoas.

Embora tome como cenário principal um assentamento do MST esse artigo não tem como finalidade discutir ou avaliar a vida em assentamento em si, mas tomá-la como referência para abordar um tema relevante para a sociologia contemporânea, a pluralidade. Sob a influência de Elias, dirigi um olhar especial para a relevância das interações entre os agentes, a forma como estes criam uma rede singular de relações que terão como resultado uma estrutura específica, neste caso um assentamento do MST. Assim procurei enfatizar a descrição de alguns personagens que lá encontrei, pois acredito que a estrutura que conheci depende diretamente das relações entre eles. Já com o auxílio dos escritos de Lahire, poderemos ver que as figurações formadas por esses indivíduos se tornam altamente diversificadas e suscitam um desafio ao olhar homogeneizante sobre as ações desse movimento.

O EIV

O Estágio Interdisciplinar de Vivências (EIV) é um evento realizado pelos movimentos estudantis de vários Estados do Brasil que, tendo começado com a mobilização de alguns militantes de entidades estudantis como DCEs e CAs das universidades federais de

Minas Gerais, se espalhou rapidamente para outros lugares do país. Seu objetivo principal é levar estudantes a um contato com a realidade e os dilemas rurais, proporcionar uma experiência junto a movimentos sociais do campo e, desse modo, integrar dois mundos que alguns consideram conflitantes e até mesmo antagônicos. Em Janeiro deste ano participei da segunda edição deste projeto no Estado do Espírito Santo (II EIV – ES), onde tive a oportunidade de conhecer de perto e mais intimamente a forma de vida, os hábitos, as propostas, as coerências e incoerências de um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A partir desta vivência pude reavaliar as idéias que tinha acerca do movimento, num processo primeiro de desconstrução de toda uma estrutura pré-concebida que, posteriormente, fomentou o início de um outro processo sociológico, desta vez construtivo, que perdura até agora e provavelmente se desenvolverá por um longo tempo.

Assim como normalmente acontece em todo o Brasil o EIV no Espírito Santo foi idealizado e organizado por estudantes engajados na militância estudantil. A proposta do projeto era levar os estagiários para vivências em assentamentos e acampamentos do MST e para famílias de pequenos agricultores do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores). Antes dessa etapa haveria uma outra de igual valor dentro do projeto, a fase de “preparação”, que consistia numa série de palestras, debates e discussões em grupo nos quais nos seriam apresentados um pouco dos dois movimentos, seus significados, costumes e objetivos. Foi nesse primeiro momento que tive a oportunidade de conhecer a primeira personagem que fez parte desse processo

Esse alguém foi Joselma, membro do MST, coordenadora da região serrana espiritosantense e moradora do assentamento onde fiquei por sete dias, inclusive um deles na sua casa. Ela foi convidada para representar o MST e expor o movimento para os participantes do EIV. Além de falar sobre a organização geral a nível nacional e regional do movimento, explicando coisas como a hierarquia dos coordenadores, ela falou com bastante segurança sobre o dia-a-dia como militante do MST, os obstáculos que encontrava quando se apresentava como membro do movimento e a forma como muitas vezes não era bem recebida por usar a camisa vermelha com o símbolo do MST. Apesar disso afirmou que nada abalava seu espírito de luta e que nenhum contratempo punha em risco sua motivação. Joselma falou que enfrentava preconceito por toda parte que passava, e inclusive tinha alguns problemas no próprio assentamento onde morava. Sua posição como liderança, mulher, esposa e mãe suscitava discordâncias e desavenças das quais tratarei a seguir.

Cito aqui esse episódio porque ele serviu muito para reforçar a idéia pré-concebida que eu já tinha sobre o MST. Com a fala convicta de Joselma eu tive a certeza que iria chegar

no assentamento e encontrar além de agricultores, pessoas com uma contundente consciência de classe fruto de seu alinhamento com o movimento, que os fariam prontos para qualquer marcha, manifestação ou embate com fazendeiros. Devido a sua forte relação com o movimento seu discurso tomava esse caminho da militância e me guiava para uma certeza cada vez mais solidificada que todos dentro do MST eram iguais. Falarei mais de Joselma e de suas particularidades adiante.

O encontro com Joselma foi importante uma vez que foi o primeiro contato que tive com um membro do movimento durante aqueles dias. Esse contato rápido somado a toda aura que havia sido produzida ao longo dessa primeira fase do estágio me levava a crer na imagem do MST como uma instituição muito coesa, geradora de um conjunto objetivo de práticas que se manifestariam indubitavelmente em todos indivíduos a ela filiados. Fruto dos mecanismos de engendramento e conservação dessas mesmas práticas, o MST seria dependente de instâncias geradoras tais como seus programas de formação de bases, suas escolas e mesmo a convivência de seus membros com essa realidade no seu cotidiano.

Vale da Esperança

Apenas no último dia da preparação ficamos sabendo nossos destinos nas áreas dos movimentos. Fui escolhido para ficar no assentamento Tomazzini, localizado no município de Santa Teresa, região serrana do Espírito Santo, o mesmo assentamento onde morava Joselma. Eu e mais cinco colegas, também destinados ao Tomazzini, fomos transportados por carros do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e chegamos no assentamento por volta das 13h do dia 19 de Janeiro. O Tomazzini era um local afastado da estrada principal, e para lá chegar tomamos um desvio num caminho de terra com aproximadamente 14 Km. Assim que entramos no assentamento reparei na ordenação das casas que apareciam à vista logo na entrada. Seguimos por um caminho reto com algumas subidas e descidas onde havia duas fileiras de casas dispostas lado a lado. Perguntamos a um senhor onde era a casa de Joselma, e com a informação descobrimos que já havíamos passado e tivemos de voltar. Chegando lá fomos recebidos por Walter, que nesse primeiro momento serviu como nosso anfitrião do assentamento. Essa tarefa caberia originalmente à Joselma, mas ela e seu marido tinham ido a São Paulo para o enterro de seu sogro. Dessa forma, Walter, vizinho e amigo de Joselma, nos conduziu até a casa dela onde somente seus filhos se encontravam. Lá deixamos nossas bagagens e conversamos rapidamente com Walter. Faz-se necessário falar um pouco mais sobre Joselma.

Como já foi dito anteriormente, Joselma ocupa um cargo de liderança do movimento dentro do Estado do Espírito Santo, e por esse motivo está sempre viajando dentro ou fora do Estado para resolver questões do movimento, reuniões, manifestações, marchas, apoio logístico aos acampamentos, participações em palestras, seu cargo de liderança ocupava assim boa parte de seu tempo. Ainda na fase de preparação, quando Joselma nos apresentava o MST ela própria falou sobre problemas que aconteciam, por exemplo, em seu assentamento. Suas constantes viagens faziam com que muitas pessoas reprovassem seu estilo de vida, criticassem o fato de ela deixar seus dois filhos adolescentes sozinhos em casa, criando, a partir desses comentários, aborrecimentos e rugas. Esse tipo de conflito, como vi depois, guarda muito mais significado do que simples implicância vicinal, revela um verdadeiro embate político que só fui tomar consciência depois de alguns dias no assentamento, e que tratarei mais à frente. Quando entrei na casa de Joselma logo reparei em uma grande imagem de Che Guevara na parede e em uma estante com muitos livros, a maioria deles com temáticas militantes. Mais uma vez aquela idéia do estereótipo do militante se reforçava na minha cabeça.

Depois de sairmos da casa de Joselma, Walter nos contou rapidamente a história do assentamento. O assentamento Tomazzini tem esse nome herdado do fazendeiro que lá vivia antes das terras serem destinadas à reforma agrária. Ele cedeu as terras ao INCRA para se livrar das dívidas da fazenda. Alguns de seus meeiros foram incorporados pelo assentamento, e passaram a dividir a casa grande da fazenda como moradia. Por tudo isso o nome Tomazzini se tornou apenas o nome legal do assentamento, posto que os assentados o chamam de assentamento Vale da Esperança. Localizado em um vale na descida da serra de Santa Teresa, o assentamento simbolizava literalmente uma nova esperança de vida para aquelas pessoas que tinham ficado dois anos acampadas debaixo das lonas. São por volta de quarenta e sete famílias vivendo divididas em três agrovilas², cada uma com cerca de quinze famílias cada. Além das agrovilas há também as áreas de plantio com 7,8 hectares por família, onde o cultivo é individual. Além disso 40% do terreno do assentamento é de mata preservada (recomendação das diretrizes do movimento) Naquele momento estávamos na agrovila 2 (ou grupo 2), mas como estávamos em seis seríamos divididos em três duplas, e cada uma ficaria em um grupo diferente. Feito um sorteio eu acabei ficando no mesmo grupo 2, o grupo onde moram os principais personagens deste relato.

² O sistema de agrovilas é um modo de divisão de assentamentos mais utilizado em todo país.

Ficou decidido que eu passaria o primeiro dia na casa de Seu Elias. Quando chegamos, Walter tinha nos levado lá e perguntado a Seu Elias se nós poderíamos almoçar na casa dele, uma vez que chegamos um pouco tarde e não daria tempo de mobilizar outras casas para essa tarefa. Fomos muito bem recebidos e isso criou uma segurança em mim para que eu pudesse conversar com Seu Elias mais desinibidamente.

Seu Elias morava em uma casa bastante simples, a exemplo da maioria das outras. Paredes de tijolo com um tosco reboco de cimento, chão também de cimento e sem forro no teto. Junto com ele moravam sua esposa, Dona Maria e seus três filhos. Seu Elias sempre viveu no campo. Antes de entrar para o movimento viveu a maior parte da vida trabalhando como meeiro. Também já passou brevemente pela cidade trabalhando como segurança, mas segundo ele não se adaptou muito bem, pois não era o tipo de vida que gostava. Em várias ocasiões mostrou um grande sentimento de respeito ao movimento, tinha a convicção que foi a partir da sua união com outras pessoas, a partir de uma ação coletiva, que conseguiu tudo o que tinha, sentimento esse que misturava uma dose de orgulho e outra de dívida para com o movimento. Um episódio interessante foi quando ele me levou para sua roça e me mostrou suas plantações e sua criação de peixes. Devido ao relevo acidentado do terreno, estávamos voltando quando ele parou num morro, olhou para baixo e falou que era uma grande alegria para ele poder ter aquele pedaço de terra que, mesmo sendo pouco, era dele³ e conquistado com muita luta. Houve também um momento quando ele espontaneamente me mostrou uma bolsa que carrega para todos os lugares quando viaja com o movimento. Vermelha e com o símbolo do MST, a bolsa guarda cadernos de anotações, bonés e insígnias do movimento, todos muito bem cuidados. Além dessas atitudes por ele tomadas para me comunicar sua relação com o movimento, esta já era bastante evidente quando entrei na sua casa pela primeira vez e vi pintada na parede de sua sala, logo acima do aparelho de televisão, uma grande bandeira do movimento brotando de sementes plantadas no chão

A imagem de Seu Elias se encaixa perfeitamente no estereótipo de sem-terra que a maior parte das pessoas costuma ter em mente. Trabalhador rural, explorado pelo patrão, trabalhou a vida inteira no campo até que por algum motivo conheceu o MST e decidiu mudar de vida. É forte a imagem que normalmente se constrói do militante do MST com seu boné do movimento e sua camiseta vermelha. Contudo a convivência com Seu Elias foi a última experiência que tive que me fez ter a certeza de que todos militantes do MST eram iguais, ou

³ As famílias detêm a posse da terra, cujos títulos de propriedade somente são adquiridos quando a terra é quitada junto ao governo federal.

melhor, que me fez achar que todos moradores do assentamento seriam de fato militantes e fiéis seguidores desse estereótipo.

Durante minha estadia na casa de Seu Elias visitei algumas vezes a casa da vizinha da frente, Dona Chiquita, visto que uma de minhas colegas foi recebida por sua família. A casa de Dona Chiquita era muito melhor mobiliada e equipada do que as outras casas que tinha conhecido até então. Seu filho era dono de um dos poucos carros do assentamento, sua filha, Dona Berenice, e sua nora eram duas das quatro educadoras do local. Quando conheci aquela família percebi que ela tinha algo que a diferenciava das outras famílias com que tive contato. Todo aquele conforto, num primeiro momento, não me pareceu compatível com o modo de vida de um morador de assentamento. Um pouco depois, ao conhecer melhor Dona Berenice e seu marido as coisas faziam mais sentido.

Fiquei na casa de Seu Elias do Sábado, dia 19, até a Segunda, dia 21. Naquela manhã, antes de mudar de casa⁴, Dilsinho, um morador do grupo 2, chegou à casa de Seu Elias chamando-o para ir trabalhar nas terras de Seu Beto, marido de Dona Berenice. Nos dirigimos até a casa de Seu Beto, também no grupo 2, e ele nos levou de trator até seu pedaço de terra. Lá, Seu Elias e Dilsinho estavam preparando a terra para o plantio do café, cortando e separando os galhos das árvores que foram derrubadas para plantar o cafezal. Seu Elias e Dilsinho estavam trabalhando nas terras de Seu Beto para pagar dívidas de empréstimos cedidos por este. Segundo Seu Elias, Seu Beto tinha “uma vida melhorzinha que a deles”, e por isso era comum esses tipos de empréstimos seguidos de pagamentos com trabalho em suas terras por um determinado tempo.

A afirmação de Seu Elias sobre a melhor qualidade de vida de Seu Beto se baseava no fato de que, por exemplo, além do trator o último possuía um carro, uma moto e um notebook com conexão com a internet e também um outro imóvel no município de São Mateus. Sua casa era a única com forro no teto em todo o assentamento, sem falar no número de eletrodomésticos incomparável de sua casa em relação ao de todas as outras, mesmo a de sua sogra, Dona Chiquita, que contava com o apoio financeiro de filhos e nora além do trabalho de seu marido na lavoura. Seu Beto tinha um passado na cidade. Antes de conhecer o movimento e ingressar no mesmo acampamento onde todos seus vizinhos também moraram, ele chegou a trabalhar em empresas da cidade. Segundo o que me disse trabalhava com funções ligadas à contabilidade. Esse comportamento destoante foi o primeiro abalo à imagem

⁴ Havia sido combinado entre os moradores que haveria um rodízio dos estudantes nas casas das famílias. Isso devido ao fato que muitas famílias queriam nos receber e também porque, segundo eles, dessa forma não nos prenderíamos à realidade de uma família apenas, e assim teríamos um melhor panorama da vida no assentamento.

de um assentamento integrado e coeso que eu tinha formulado em minha mente, mas Seu Beto não era a única incongruência com esse modelo presente naquela estrutura. O assentamento que eu conhecia até o momento se resumia praticamente ao grupo 2, e todas as pessoas que eu tinha como parâmetro para análise do que estava vivendo moravam ali, de forma que para poder compreender melhor aquele todo era necessário transpor os limites daquela agrovila e conhecer os moradores dos outros dois grupos. Ao dar esse passo adentrei definitivamente em uma atmosfera de conflito que opunha assentados moradores de diferentes grupos e que configurava o maior dilema vivido por aquelas pessoas no que diz respeito às suas relações como indivíduos e como grupo perante o MST.

Militantes e Assentados: dois conceitos não necessariamente correspondentes

Conhecer Seu Beto e sua história foi o primeiro sinal de que nem tudo dentro de um assentamento acontece conforme uma lógica ideal de militância e dedicação exclusiva à causa do movimento. Se compararmos seu caso com o de Joselma, que abdica de sua vida privada e da convivência com os filhos para uma dedicação quase que exclusiva ao movimento vemos o quão diverso são os tipos que se pode encontrar dentro de um suposto corpo unificado e coerente, onde também supostamente suas partes dividem um mesmo objetivo final, um ideal comum. Não que Seu Beto não apoiasse a causa do movimento, a reforma agrária, um modelo de igualdade defendido pelo movimento onde todos teriam acesso à terra. Todavia, de forma alguma ele via a necessidade de abrir mão de seu conforto material e de suas convicções pessoais para participar dessa luta. Para ele, enquanto seus vizinhos e camaradas se ocupavam dessa tarefa ele se concentrava num desafio pessoal: prosperar como empreendedor rural sem necessariamente se desvincular da causa.

Mas o caso de Seu Beto não era o único que desviava dessa lógica. Como alguns de meus colegas acabaram ficando hospedados em casas dos outros dois grupos, era comum eu ir visitá-los e eles a mim. Esse trânsito me deu a oportunidade de conhecer um pouco mais das outras famílias do assentamento.

Havia no assentamento duas igrejas, uma Católica e uma Adventista. Quase todos os membros do grupo 2 eram de fé Católica e todos os domingos freqüentavam as celebrações realizadas por eles mesmos na igreja, pois o padre só visitava o assentamento uma vez por mês. A ligação entre o MST e a Igreja, principalmente a Católica é muito forte. Se levarmos em consideração que a gênese do movimento se deu no mesmo Rio Grande do Sul de onde a maior parte do clero brasileiro é proveniente não é de se estranhar. Comparato (2003) mostra

bem essa relação tão próxima e a importância da CPT (Comissão Pastoral da Terra) na formação do MST e Sigaud et al (2008) mostram também a participação desse órgão católico nas primeiras ocupações de terra ocorridas naquele Estado durante os anos 60 e 70 e que vieram a dar origem ao MST.

Seu Elias me falou que a divisão do assentamento em relação às duas igrejas era metade a metade, e enfatizou que todos tinham uma boa relação entre si, nunca tendo havido nenhum conflito entre moradores decorrentes de algum tipo de divergência religiosa. Apesar disso notei muitas vezes comentários críticos dirigidos aos moradores dos outros grupos, onde vivia a maior parte dos evangélicos. Os outros moradores eram muitas vezes taxados de estranhos e algumas pessoas chegavam a pronunciar seus nomes com desdém. Mas o que parecia ser um conflito religioso tinha também uma origem política, ligada diretamente com o nível de relação com o movimento entre os moradores.

Além de concentrar a maior parte dos evangélicos do assentamento os grupos 1 e 3 concentravam também a maior parte de moradores não militantes, não simpáticos e até mesmo contrários ao MST. Era a eles que Joselma se referia quando dizia que era criticada por viajar pelo movimento e deixar seus filhos sozinhos e suas terras sem trabalho. No grupo 3, por exemplo, viviam algumas famílias que já eram meeiras da fazenda Tomazzini antes desta ser cedida ao INCRA e posteriormente se transformar em um assentamento do MST. Essas famílias, que não tiveram nenhum vínculo com o movimento no passado, não se mostram felizes com a mudança que ocorreu em suas vidas. Segundo Pezão, morador do grupo 2 mas filho de um ex-meeiro do grupo 3, os tempos antes da chegada do MST eram muito melhores. Segundo ele, além de terem condições econômicas superiores às atuais tinham uma maior autonomia no que diz respeito ao seu modo de vida, que teve de ser adaptado às regras do movimento. Não só ex-meeiros se opunham ao movimento, mas também ex-acampados que assim como a maioria passaram anos vivendo sob lonas e esperando seu pedaço de terra. Alguns se decepcionaram ao ponto de repassar suas terras sem a autorização do MST⁵, tendo que sair do assentamento na calada da noite sem que nenhum de seus vizinhos percebesse. Tanto quanto uma rixa religiosa havia um verdadeiro conflito político no assentamento, um conflito com tons de desentendimentos vicinais corriqueiros, mas que era permeado por duas posições muito bem definidas. Os moradores mais ligados ao MST que se sentiam no direito de cobrar dos outros um posicionamento de respeito e gratidão ao movimento, uma vez que todos eles só tinham seu pedaço de terra graças à luta por estes

⁵ Até então tinham ocorrido dois casos de famílias que abandonaram o assentamento.

encabeçada e os moradores que se sentiam no direito de questionar o mesmo baseados numa crítica ao modo de operação dos assentamentos adotado pelo MST.

Figurações e Variações

Ainda na fase da preparação em Aracruz, o representante do MST que acompanhava a coordenação do estágio havia falado que a vida em acampamentos e assentamentos são muito diferentes. O fator crucial que separa as duas realidades é que as pessoas em um acampamento estão todas juntas por um ideal comum, a esperança de se conseguir terra. Essa esperança, desejo que não cessa enquanto não atingido, propicia uma solidariedade muito grande entre os acampados, um sentimento de união estimulado e utilizado pelo MST. Em um assentamento o quadro é outro, pois os moradores já tem a terra e ficam assim expostos a outros tipos de adversidade, visto que o dilema da reforma agrária não termina com a distribuição de terras. A falta de crédito para as plantações e para a construção das moradias, os problemas com educação e saúde e a dificuldade com o transporte para centros urbanos mais próximos são alguns dos problemas que encontrei no Vale da Esperança e que são comuns em assentamentos em todo país. Além do mais, as pessoas que se dirigem para os acampamentos do MST com intuito de conseguir terra por meio do movimento possuem origens diversas. Esse tipo de ação aglutina tanto pessoas que passaram toda sua vida trabalhando na terra, quanto gente que vem das cidades sem nunca ter tido contato com o mundo rural, o que por si só já provoca uma diversidade de características presentes num mesmo contexto. No caso aqui abordado, ainda temos a presença de indivíduos como os ex-meeiros da fazenda Tomazzini, gente que nunca se envolveu com o movimento, mas que de uma hora para outra o viu fazendo parte de suas vidas. Por mais que essas pessoas não se vejam como pertencentes ao movimento o fato é que todas são obrigadas a se relacionar uns com os outros no dia-a-dia, criando uma relação que por mais que seja tensa é necessária

É importante ter isso em mente, um contexto plural de relações sociais, pois consegui enxergar naquela atmosfera o que Elias (1989) considera uma rede de relações interdependentes que figuram como o núcleo de um verdadeiro tecido social do qual é constituído um coletivo. Esse conceito no caso se refere à teia de relações formada pelos indivíduos aqui apresentados e por outros não explicitamente tratados mas que também tem sua parcela de participação nesta construção. Estes indivíduos, cada um deles produto de processos sociais e históricos diversos, contribuem na confecção dessa teia. Na medida em que adicionam seus acúmulos de experiências próprias resultado dos processos sociais e os

entrelaçam uns com os outros permitindo uma socialização, formam o que está na base da constituição daquele grupo. Assim podemos considerar o assentamento uma figuração, um espaço singular de interação entre aquelas pessoas e que as induz a agir socialmente.

Essas pessoas, no entanto, não compartilham necessariamente uma mesma origem social. Encontrei pessoas muito diferentes que de alguma forma tinham de se relacionar entre si dentro da esfera do movimento. Tinham também que dialogar com o próprio MST, pois mesmo que tivessem algo contra o movimento este fazia necessariamente parte de suas vidas. Tanto Seu Elias, que a todo tempo mostrava sua fidelidade ao movimento, quanto as famílias dos ex-meeiros, que moravam dentro do assentamento e conviviam com a presença do MST a todo tempo, por mais que fossem pessoas diferentes dividiam esse fator em comum.

O conflito aqui exposto, entre moradores militantes e não militantes, surge nessa lógica. Dentro das tramas dessa rede cada indivíduo traz consigo um conjunto de disposições a práticas que ele apreendeu ao longo de sua vida. No entanto, devido às diferenciações na construção social de cada indivíduo o que vemos é uma gama de comportamentos dissonantes dentro daquilo que poderia se pensar como sendo um espaço para um tipo específico de prática. Segundo Lahire (2002) isso ocorre devido à heterogeneidade dos alinhamentos sociais disponíveis aos indivíduos em interação no mundo, que estão sujeitos à incursão em vários segmentos capazes de nele inculcar uma série de propensões a práticas objetivas e específicas. O argumento de Lahire é que vivemos em contextos sociais altamente diferenciados, onde família, escola, igreja e várias outras instâncias do plano empírico se interpenetram e se internalizam no indivíduo tornando-o um homem plural. Sua posição pode ser melhor entendida ao contemplarmos determinada assertiva:

A coerência dos hábitos ou esquemas de ação (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de apreciação, de avaliação...), que cada ator pode ter interiorizado, depende, portanto, da coerência dos princípios de socialização aos quais esteve sujeito. Uma vez que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos, às vezes até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então trata-se de um ator com práticas consequentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir. (Lahire, 2002, pp.31)

Dessa forma, o MST, movimento feito de gente, homens plurais, não poderia se tornar outra coisa senão plural. Pensar que o MST como estrutura produziria um habitus conciso e coerente em seus membros é negligenciar o fato de que estes estão a todo o tempo em contato com outras instâncias da vida social e que sua vida não se resume somente ao MST, por maior

que seja seu nível de dedicação. As variações intra-individuais, diferenças internas de cada indivíduo trazidas à luz pela mudança na escala de observação social e propostas por Lahire (2006) propiciam este ambiente diverso que eu encontrei no Vale da Esperança.

Conclusão

O objetivo desse trabalho foi descrever a experiência que tive em um assentamento do MST. Com a ajuda dos recursos teóricos de Norbert Elias e Bernard Lahire, que incentivam a encarar os processos sociais de forma interacional e plural, pude alinhar duas vertentes e encontrar uma interpretação satisfatória para aquele contexto.

O que vi mais se aproximava a uma construção não linear de acúmulos advindos de posições pessoais de cada indivíduo morador do assentamento do que isso que maioria tem em mente quando se fala do movimento. Ou seja, mais do que um todo governado congruentemente por uma estrutura superior o assentamento era uma rede de relações sociais, muitas vezes conflitantes, que davam vida a um coletivo substancialmente diverso. É por isso que busquei neste trabalho reservar espaços para destacar um pouco da vida de alguns personagens que encontrei nessa experiência, pois acredito que são eles os responsáveis por dar vida à forma daquilo que conheci como assentamento Vale da Esperança.

Seria fácil reduzir todos moradores do assentamento Vale da Esperança a uma meia dúzia de adjetivos acima já exaustivamente explorados, adjetivos esses que não só remetem mas atam os sujeitos a um comportamento previamente esperado por aqueles que pensam um movimento como o MST como um ente totalmente coeso. Mas o contato direto com aquelas pessoas torna impossível continuar com tal juízo

Dessa forma vimos como que cada personagem apresentado interage com sua pluralidade pessoal e acaba dando vida a um espaço de pluralidade maior, o assentamento. Cada um deles, além das características explicitadas aqui possui muitas outras, que postas em interação no cotidiano acabam se somando e são as responsáveis pela constituição social do Vale da Esperança. Por isso, afirmo que o Vale da Esperança muito mais do que ser feito de casas, animais ou plantações é feito de gente, pessoas plurais que dão sentido a luta do MST sem que precisemos reduzi-las a um todo coerente.

Bibliografia:

- Bourdieu, P (1972) Esboço de uma teoria da prática. In: Ortiz, R. (org) *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olhos D'água
- Comparato, B. K. (2003) *A Ação Política do MST*. São Paulo: Expressão Popular
- Elias, N. (1989) *O Processo Civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
- Elias, N. (1994) *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Lahire, B. (2002) *O Homem Plural*. Petrópolis: Editora Vozes
- Lahire, B. (2004) *Retratos Sociológicos*. Porto Alegre: Artmed
- Lahire, B. (2006) *A Cultura dos Indivíduos*. Porto Alegre: Artmed
- Rosa, M. (2004) *O engenho dos movimentos: reforma agrária e significação social na zona canavieira de Pernambuco*. Tese de Doutorado em Sociologia. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ.
- Rosa, M. (2006). Além do MST: O Impacto nos Movimentos Sociais Brasileiros. In: Carter, M. (Org). *Desafiando a Desigualdade: O MST e a Reforma Agrária no Brasil*. Sao Paulo: Editora da Unesp, v. , p. -.
- Sigaud, L. (2000) *A Forma Acampamento: notas a partir da versão pernambucana*. Novos Estudos CEBRAP No. 58, Novembro 2000, pp.73-92
- Sigaud, L. ; Rosa, M. ; Macedo, M. E. (2008) *Ocupações de Terra, Acampamentos e Demandas ao Estado: Uma Análise em Perspectiva*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol.51, pp.107 a 142